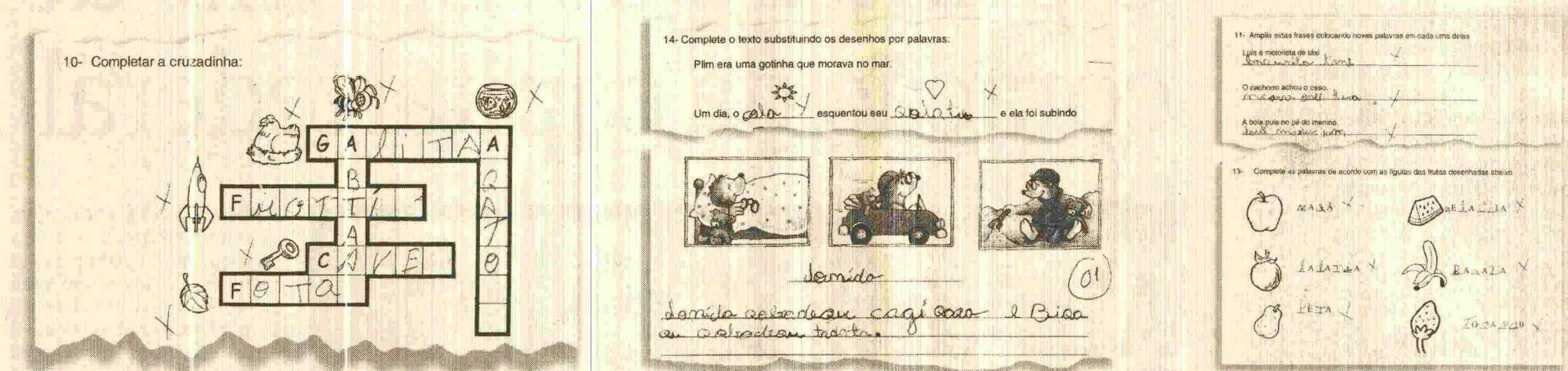




EXEMPLOS DO DESEMPENHO DE ALUNOS DE 13 E 14 ANOS, MATRICULADOS ENTRE A 2ª E A 4ª SÉRIES NOS CAICS, NAS PROVAS DO TESTE DIAGNÓSTICO DE ALFABETIZAÇÃO. AS DIFICULDADES MOSTRADAS SÃO DRAMÁTICAS

A missão de ensinar quem ficou para trás

ERIKA KLINGL
DA EQUIPE DO CORREIO

Jhonatan Ponciano da Silva, 14 anos, é um dos mais animados da sala de aula. Adora fazer graça e interagir com colegas e professores. Como se não bastasse para ganhar a simpatia de todos, é um menino bonito, de pele morena e cabelos encaracolados como os de um anjo. Era de se imaginar que Jhonatan tivesse sucesso nos sete anos de inserção no ambiente escolar. Mas o que ocorreu foi exatamente o contrário. Foi esse o tempo necessário para que ele recebesse, pela primeira vez, uma chance verdadeira de aprender.

Matriculado na 4ª série do Centro de Atenção Integral à Criança (Caic) do Núcleo Bandeirante — quando deveria estar na 7ª ou 8ª — o garoto não sabia ler, escrever e fazer contas até o início deste mês. Era praticamente analfabeto e sofria para entender o que os professores diziam. A energia da infância, que poderia ser usada em seu benefício, virou-se contra ele. Foi taxado de indisciplinado e difícil. Quando não era reprovado, passava de ano sem entender o conteúdo e ficava cada vez mais para trás. Em março, Jhonatan fez o exame para diagnosticar o nível de alfabetização. Não passou.

A história impressiona. Mas chama ainda mais atenção o fato de ele não estar sozinho. Outros 751 meninos e meninas da rede pública de ensino do DF com idades entre 9 e 14 anos e matriculados entre a 1ª e a 4ª séries, foram considerados analfabetos após o exame. São crianças negligenciadas pelo estado, pela família e pelo país no direito constitucional a uma educação universal, mas de qualidade.

Para piorar o cenário, a amostra foi bastante restrita. O teste Diagnóstico de Alfabetização foi aplicado apenas nos 14 Caics do DF. Fizeram a prova 8 mil dos 8.809 estudantes das séries iniciais do ensino fundamental. Ou seja, quase 10% deles foram considerados incapazes de escrever um texto curto, completar frases ou assinalar questões de múltipla escolha que dependiam da interpretação de poucas frases.

Pablo Cardoso da Silva, 13 anos, sempre achou escrever muito difícil e quebrava a cabeça para entender uma frase inteira. Apesar disso, era aluno da 3ª série. "Os professores não tinham muita paciência e eu fazia bagunça demais", conta o menino. "Ouví muitas vezes bronca porque eu escrevia muito devagar." Com a mesma idade, Renata Wanessa Diniz estava na 4ª série e sofria com a matemática. "Antes de fazer as contas, tinha que saber o que a

prova estava pedindo e não conseguia entender direito", admite a menina.

Cidadania

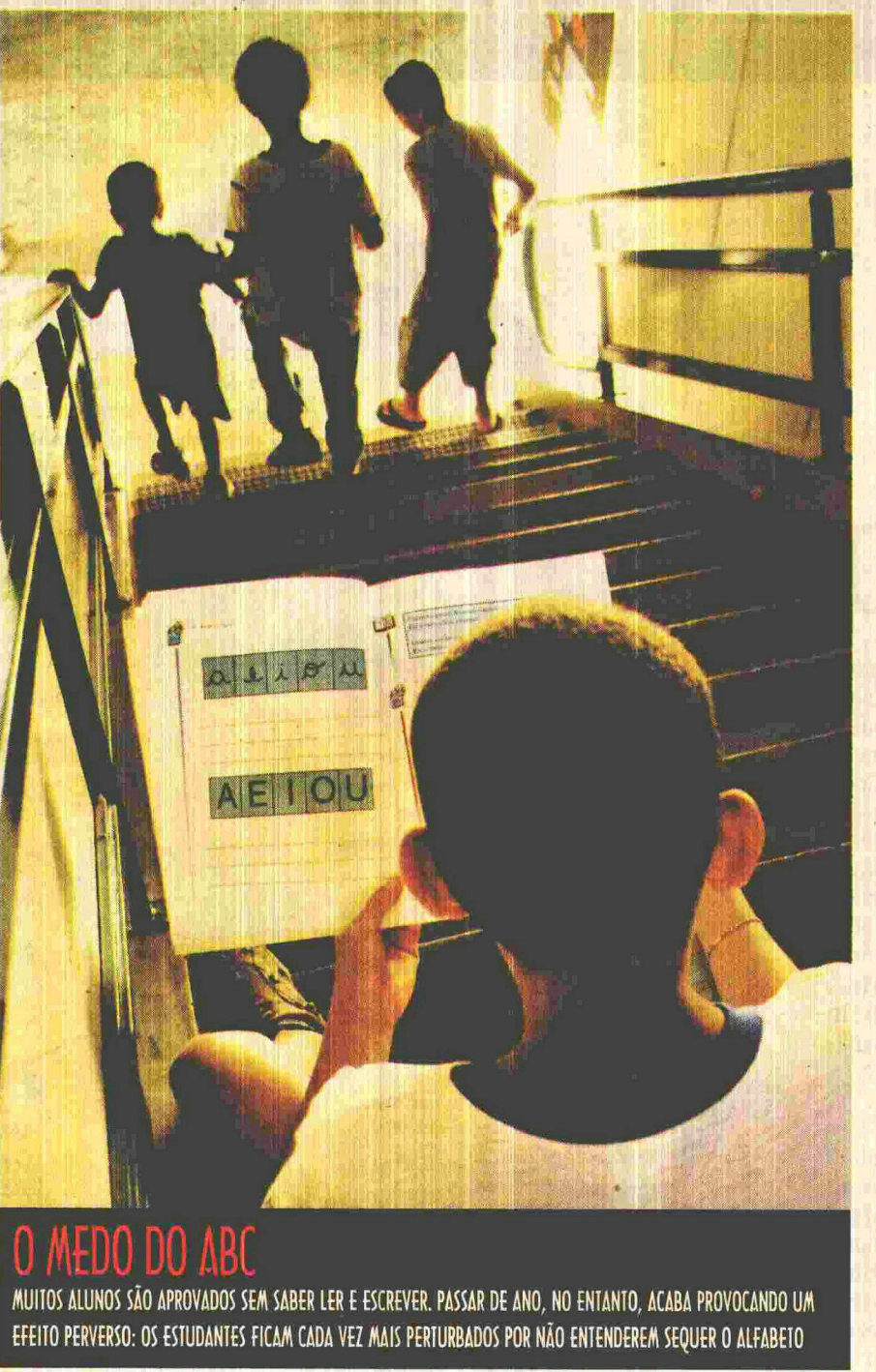
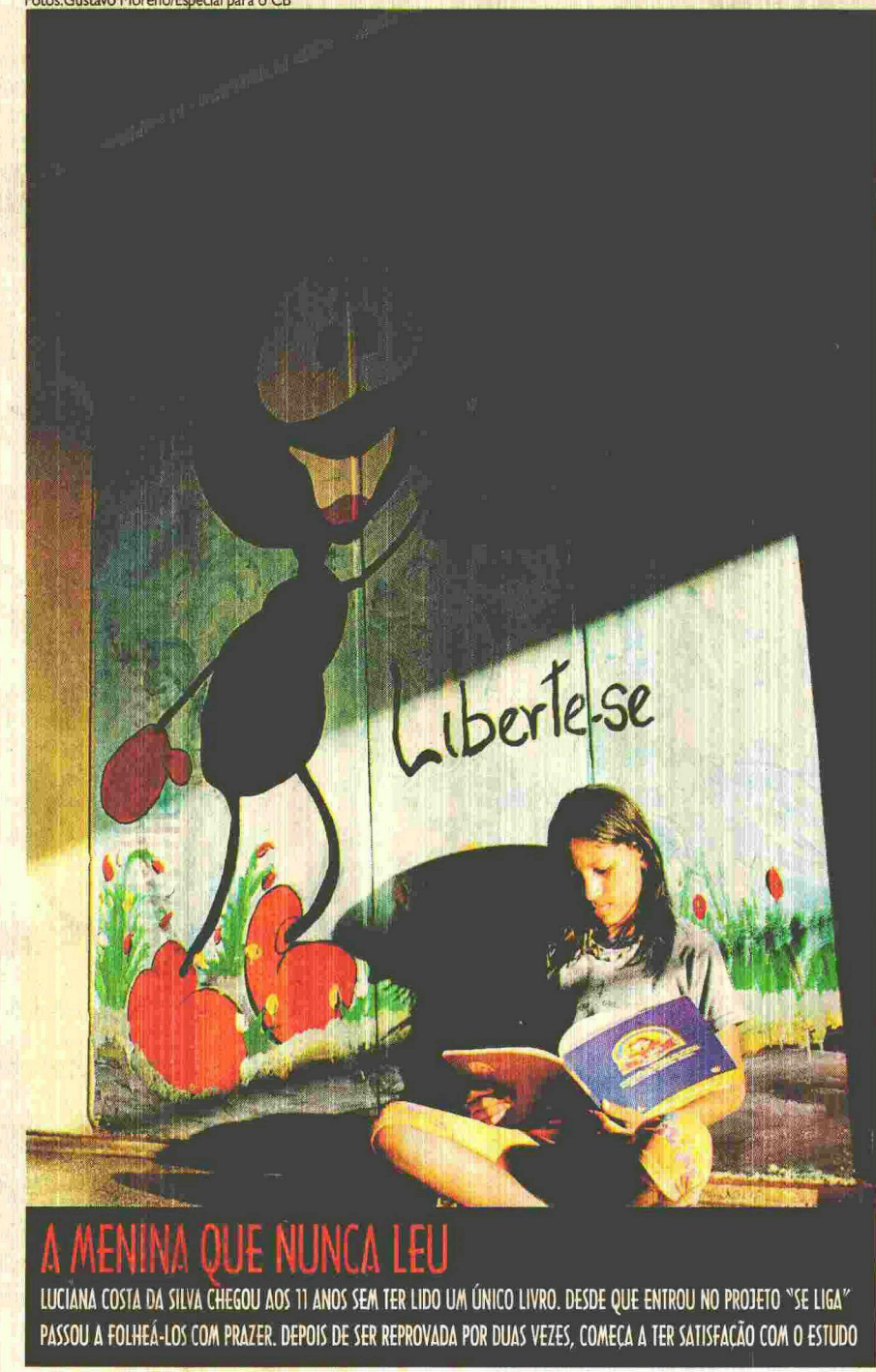
A descoberta do déficit de aprendizagem dessas crianças, em vez de trazer preconceito ou mais exclusão, pode ter sido a chance definitiva de cidadania. O teste foi o primeiro passo do programa "Se Liga", numa parceria da Secretaria de Educação do DF com o Instituto Ayrton Senna. Há três semanas, 37 estudantes do Caic JK, do Núcleo Bandeirante, foram separados de suas classes originais e inseridos em turmas voltadas para a alfabetização tardia e eficiente. O mesmo ocorreu com os alunos dos outros Caics do DF que sofriam com o analfabetismo. Neste momento, as 752 crianças e adolescentes dos 14 Caics estão no rumo do universo das letras. Até então, um mundo completamente desconhecido.

Em vez de aprenderem o Abêcê no quadro negro, as crianças ouvem música, fazem projetos de ciência e até cozinham bolo de banana no refeitório. O projeto, que já é sucesso em Goiás, Pernambuco, Paraíba, Sergipe e Tocantins, precisa de seis meses para que meninos e meninas saibam ler e fazer as primeiras contas.

Foi preciso menos que isso para que Lorena Almeida de Jesus, de 9 anos, aprovasse a experiência. Ela não sabia escrever qualquer coisa antes de entrar no "Se Liga" — mesmo tendo feito duas vezes a alfabetização e de cursar a 2ª série. Hoje, a menina já consegue copiar textos e escreve sílabas como "Ba, Be, Bi, Bo e Bu". Parece pouco, mas a estratégia serve tanto para familiarizar Lorena com a escrita quanto para melhorar sua letra. "Já consigo escrever redondo", orgulha-se. "Além disso, consigo escrever meu nome sozinha."

Os benefícios do projeto vão além de ensinar crianças e adolescentes a escrever e colocá-las de volta no rumo do aprendizado. De acordo com a supervisora do "Se Liga" no Caic do Núcleo Bandeirante, Alessandra Botelho Augusto da Silva, em três semanas foi possível identificar ganhos na auto-estima. "Mesmo nesse curto período, notamos maior capacidade de concentração e mais entusiasmo", argumenta.

Para a professora Maria Solange de Melo Silva, responsável por uma turma de 17 estudantes, o segredo do projeto é ir além dos fonemas. "Ensinaamos as letras, sílabas e palavras, mas preocupados em passar o conteúdo de um jeito que faça sentido para eles", explica. Ela e os demais envolvidos no projeto passaram por uma semana de capacitação antes de entrar na sala de aula.



Quando a ajuda dos pais é fundamental

Uma das preocupações dos professores e coordenadores do "Se Liga" é tentar suprir o papel dos pais e familiares no aprendizado das crianças. A lição de casa é explicada detalhadamente antes do fim da aula. "A criança, quando chega em casa, já sabe o que tem que fazer e não precisa de ajuda", explica Alessandra Botelho Augusto da Silva, supervisora do projeto no Núcleo Bandeirante. O motivo é simples: grande parte dos alunos da rede pública com dificuldade de ler e escrever não conta com o apoio da família.

"Os principais fatores do déficit de aprendizado são a violência, o baixo comprometimento dos alunos e a falta de acompanhamento dos parentes, além da falta de instrução dos pais", explica a diretora do Caic local, Carmelita Bueno Soares Freitas. "Muitos pais não fazem ideia de como são importantes para que a criança tenha interesse em aprender e consiga superar as dificuldades."

Os pais da frágil Luciana Costa da Silva, de 11 anos, não lêem e escrevem com facilidade. "Não

vejo minha mãe e meu pai com livros. Eles não foram muito na escola", conta. A menina nunca leu um livro, mas já começa a folheá-los com mais intimidade desde que entrou no "Se Liga". Demorava para ler e escrever, e por isso reprovei de ano duas vezes."

O benefício da participação dos pais está provado em números. Ao conversar com o filho sobre o que acontece na escola, cobrar dele, ajudá-lo a fazer o dever de casa, ao falar para não faltar às aulas, para tirar boas notas e ter hábito de leitura, os pais estarão contribuindo para a obtenção de notas mais altas. A constatação foi feita pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC) com base nos resultados do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb). Os alunos da 4ª série do ensino fundamental que sempre vêm a mais lendo obtiveram uma média de 20 pontos a mais na prova de Língua Portuguesa do que aqueles que afirmaram que a mãe não tem o mesmo hábito.

A média também apresenta variação quando os pais conversam com os seus filhos sobre o que acontece na escola. Há uma diferença de 17 pontos em Língua Portuguesa entre os alunos cujos pais sempre estão atentos ao que ocorre na escola e aqueles cuja família nunca se preocupa. Segundo o levantamento, 56% disseram que seus pais, ou responsáveis, conversam sobre o cotidiano escolar; 36% afirmaram que essa situação acontece de vez em quando; 7%, que isso nunca ocorre; e 1% não respondeu. Em relação ao dever de casa, se os pais cobram que os filhos façam a lição, a média é 14 pontos superior à daqueles em que isso não ocorre. (EK)

O cansaço de não entender

A dificuldade em entender o que estava escrito no quadro negro e nos livros afastou Hércules Mendonça dos Santos da escola. Aos 13 anos, o aluno da 3ª série do ensino fundamental do Centro de Atenção Integral à Criança (Caic) de Santa Maria foi reprovado por faltas depois de se cansar de passar quatro horas por dia sentado na carteira sem ter ideia do que via. Achava os professores do Centro de Ensino Fundamental (CEF) 408, onde estudava, chatos e impacientes. Não é para menos. As matérias não faziam muito sentido para ele.

Hoje, ele é o único de uma turma de 17 meninos e meninas do "Se Liga" que não faltou aula nenhum dia nas três semanas de projeto. Pela primeira vez, Hércules prefere ir para a escola do que cuidar dos passarinhos que tem em casa. "Os professores explicavam de um jeito difícil e eu não gostava de ficar na aula", admite. O professor de Hércules, Daniel Teixeira Silva, está confiante no sucesso do menino. "Não faz muito tempo, não podíamos reprová-los as crianças e muitos alunos passaram de ano sem saber ler e escrever. Com esse método, em turmas reduzidas, acho que conseguiremos resgatar o gosto das crianças e adolescentes pelo aprendizado", afirma.

No Caic de Santa Maria, mais de 50 crianças foram identificadas como analfabetas entre as 1ª e 4ª séries. Todas com pelo menos dois anos de atraso escolar. "Para garantir a qualidade do ensino, dividimos os alunos em três turmas. Em nenhuma delas há mais de 17 estudantes", explica Raquel de Souza Almeida, supervisora do projeto no Centro. "Alguns são mais velhos e poderiam até mesmo ir para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) em pouco tempo." (EK)

ENTREVISTA
MARIA HELENA GUIMARÃES, secretária de Educação do Distrito Federal

"O investimento é humano e tem retorno garantido"

O combate ao analfabetismo entre alunos da rede pública é um desafio de todos os que moram no Distrito Federal. Com esse argumento, a Secretaria de Educação e o gabinete do governador José Roberto Arruda estão convocando empresários da capital para patrocinar a alfabetização de meninos e meninas com graves falhas de aprendizado em português e a recuperação de outros alunos com grande defasagem idade-série. "O projeto Parceiros da Escola é mais do que adotar uma escola, é investir no aprendizado de moradores da nossa cidade", explica Maria Helena Guimarães, secretária de Educação, em entrevista ao Correio. "Os recursos não serão concentrados na estrutura física do sistema educacional. O investimento é humano e tem retorno garantido."

O projeto vai ser lançado no final do mês de julho e o GDF espera contar com a adesão de mais de mil empresários do DF com o dinheiro, a secretaria arcará com a contrapartida dos programas "Acelera", que combate a distorção idade-série, e o "Se Liga", contra o analfabetismo. O custo de cada um deles não supera a casa dos R\$ 160 por aluno a cada ano.

Cerca de 10% dos alunos de 1ª a 4ª série dos Caics não sabem ler ou escrever. Como chegamos a essa situação?

Em todo o país, questões assim estão ligadas à distorção idade-série. Aqui no DF é um pouco diferente. Houve uma deterioração rápida do sistema no mesmo ritmo que as cidades do Entorno cresceram. O fluxo de famílias é muito grande no DF e algumas crianças chegam para a rede de ensino sem conteúdo. Temos que aceitar esses alunos na mesma série que eles cursavam na cidade de origem.

Qual é o papel do "Se Liga" e do "Acelera" nesse processo?

Identificamos problemas graves nas salas de aula do DF causados, em parte, pelo grande fluxo de pessoas na região. Nada menos que 32% dos alunos da rede pública estão com distorção idade-série maior do que dois anos. Os programas são parte de uma estratégia que se mostrou eficiente em outros estados na correção desse cenário. Começamos nos Caics porque eles são os únicos com estrutura física adequada para entrar imediatamente no programa. As turmas são menores nos dois projetos e precisamos de muitas salas de aulas.

E o resto do sistema?

No início do ano que vem vamos estender os dois projetos para toda a rede. Mesmo que tenhamos que alugar salas de aula.

O governo tem dinheiro para capacitar os professores e comprar o material didático?

A estratégia é muito barata. O "Se Liga" tem custo anual de R\$ 160 por aluno e o "Acelera" sai por R\$ 100. Mas o Instituto Ayrton Senna não procura recursos dos governos. A ideia é envolver toda a sociedade. Por isso, estamos chamando empresários da capital para participar do ensino no DF com o projeto "Parceiros da Escola". A ideia é mais do que adotar uma escola, é investir no aprendizado de moradores da nossa cidade. Cada um paga o que puder e os recursos não serão concentrados na estrutura física do sistema educacional. O investimento é humano e tem retorno garantido. (EK)